

Haroldo Hollanda

## Sarney passa por fase de aflições

O presidente José Sarney passa por um particular momento de aflições: no setor econômico o seu plano de estabilidade apresenta várias "furos" e imperfeições detectados há bastante tempo por especialistas na matéria, que refletem na visível crise de abastecimento no país. A questão da informática se constitui em outra fonte de apreensões para o presidente Sarney, que se vê acossado por duas frentes opostas. Criou-se no país um clima emocional, semelhante ao da campanha do "petróleo é nosso", de que a política é intocável. Os grupos nacionalistas e de esquerda mais extremados chegam a repelir todo e qualquer tipo de cooperação internacional nesse campo, mesmo sob o título de joint-ventures, sob a alegação de que isso seria apenas o primeiro passo para escancarar a participação estrangeira nesse setor de vital importância para o futuro nacional.

Os norte-americanos, se mantida uma posição intransigente, ameaçam com represalias comerciais contra o nosso país, no campo das exportações de aço, sapatos e outros produtos brasileiros para o Estados Unidos. O ministro Abreu Sodré, das Relações Exteriores, em entrevista à imprensa, admite a possibilidade de um entendimento brasileiro com os Estados Unidos no campo da informática, em torno de uma política mais liberal no que se refere ao emprego do software. O problema é que no Brasil nos encontramos num ano politicamente decisivo, com eleições cujo resultado é importante não só para o Governo como para a estabilidade das instituições democráticas.

Ontem, a Frente Liberal, representada pela sua direção nacional, esteve reunida em Brasília para exprimir sua censura ao partido em São Paulo por haver apoiado a candidatura do deputado Paulo Maluf, do PDS, ao governo paulista. Uma vitória em São Paulo do deputado Paulo Maluf representará uma derrota do presidente Sarney. Já não se trata apenas no caso do malogro eleitoral do PMDB de São Paulo e do seu candidato, Orestes Quêrcia. Todos conhecem a disposição com que o deputado Paulo Maluf se joga em todas as suas empreitadas políticas. O episódio da última sucessão presidencial se constitui em exemplo bem expressivo, bem como a recuperação que ele agora experimenta como candidato a governador de São Paulo, quando todos já o julgavam morto e sepultado politicamente.

O mais grave em tudo isso é que, elegendo-se governador de São Paulo, a presença política de Maluf na Constituinte será tão ou mais importante do que a do presidente Sarney. E na medida em que se transforme num pólo de aglutinação da Constituinte com sua liderança, o passo seguinte de Maluf será o de situar-se como candidato natural das forças conservadoras do país à sucessão de Sarney. Por falta de espaço político, as demais forças conservadoras, mesmo as que sempre dele divergiram, serão obrigadas a com ele compor-se.

Essa posição de Maluf será mais viável e poderosa politicamente se o governador Leonel Brizola vencer as eleições do Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul se constituem em fonte de sobressaltos para o presidente Sarney. O PMDB do Rio, dividido em diversas alas, não consegue chegar a um entendimento em torno da escolha do seu candidato a governador, o que favorece Brizola e os seus seguidores. No Rio Grande do Sul, o grupo mais à esquerda do PMDB gaúcho repele a tese de uma aliança com o PDS de Nelson Marchezan, o que poderá inviabilizar a vitória do candidato a governador, Pedro Simon. Brizola e Maluf, em posições opostas, irão se alimentar do conflito mútuo a ser por eles gerado, não oferecendo espaço a que prosperem politicamente soluções de caráter moderado, no caso de ambos emergirem como lideranças vitoriosas nas urnas de novembro.